

MUNICIPIO DE ITU'

ANNO I

E. S. PAULO

ITU' 25 de Junho de 1916

BRASIL

Numero 34

EXPEDIENTE

O *Município de Itú* é impresso nas oficinas graphicas dos srs. BORGES & SILVA —Rua Direita, 20.

Assignaturas

TRIMESTRE 2\$500

SECÇÃO LIVRE E EDITAES

Linha 200 réis

Repetição. 100 «

As assignaturas e publicações são pagas adiantadamente.

Opportunidade do nacionalismo

A guerra européa veio nos accordar da modorra em que nos achavamos.

Tinhamos progredido materialmente, com uma rapidez na verdade assombrosa.

Gastava-se o que não se podia.

Ninguém se incomodava com o dia de amanha da nossa nacionalidade.

Quem tinha dinheiro ia divertir-se na Europa ou morar em qualquer das grandes capitães européas.

Brasileiros ha que não conhecem o nosso formoso Amazonas ou a cascata de Paulo Affonso, mas que conhecem todos os divertimentos da Europa ou as suas bellezas naturaes.

Era a desaparição da nossa nacionalidade pelo *rastacuerismo* e pelo gosto por tudo quanto era estrangeiro.

Um dos beneficios da actual conflagração para nós foi a volta dos nossos patricios para o Brasil.

Raros foram os que por lá se deixaram ficar.

Agora aqui elles gastam os seus rendimentos e a emigração do nosso dinheiro, já não se faz em tão larga escala.

O brasileiro que ia para a Europa, voltava para o Brasil quasi esquecido da sua lingua, tão doce e tão rica, e com vergonha até de falar o bello idioma em que Camões traçou os seus versos admiraveis e immortaes.

O *chic* era falar diversas linguas estrangeiras e a elegancia era encher a conversação com o maior numero de termos exquisitos.

Cumpra aos patriotas reagir, principalmente, neste ponto.

Que se adoptem termos que nós não temos, vá. Mas ir-se buscar termos arrevezados quando nós possuímos palavras apropriadas e genuinamente portuguezas é o que não se póde admittir.

Devemos, pois, iniciar o nosso nacionalismo estimando a nossa lingua, o suave idioma portuguez.

Que esse movimento, por rem, não se esterilize em discussões inuteis.

A Comissão de Instructão Publica da Camara dos Deputados, no Rio, já deu parecer favoravel á adopção da reforma orthographica, baseada no systema de Gonçalves Vianna.

Será um passo para a frente. Será o inicio da campanha verdadeiramente nacionalista.

TYP. BORGES & SILVA

Trabalhos perfeitos e garantidos e a preços modicos.

Rua Direita 20 ITU

Letras a esmo

Foi numa dessas bellas tardes do mez de maio, em que o sol brilhante quasi sumido no horizonte vasto, derramava sobre a terra apenas os ultimos reflexos de seus raios ardentes num terno beijo de luz, que eu vi passar um modesto feretro pouco acompanhado deante da janella de meu quarto.

Alguem de quem eu indagava, quem era aquelle que caminhava para a Terra Santa, a unica morada, o unico verdadeiro repouso do homem na terra, disseram-me que era o pobre velhinho, o popular velhinho que costumava sentar-se todas as manhãs ao pé do Cruzeiro, que havia fallecido.

Um calefrio percorreu-me a espinha; não pude deixar de entristecer-me, ao conhecer aquella nova, pois estava acostumado desde meus tempos de creança, a ve-lo com aquelles olhares tão languidos e ternos, tão tristes e que bem falavam a dor que o consumia, sentado ao pé do Cruzeiro, para aquecer-se ao sol nas manhãs invernosas a coçar as barbas brancas e os cabellos raros, deixando de quando em vez escapar um suspiro longo acompanhado de um menear de cabeça. Morrera. Descançara. Deus se compadeceu de suas miserias e tomou para si aquelle que para todos era objecto de escarneo mas que para mim era objecto de compaixão.

Edgard, era como se costuma dizer, um rapaz estroina.

Jamais cuidava de cousas serias; só eram objectos de suas occupações as cousas frivolas, pelas quaes abandonara tudo, desde os conselhos de seus paes até o amor proprio.

Suppunha talvez que a vida era toda de flores, e que seus pobres paes viveriam sempre.

O que não lhe era possivel comprehender era que o homem bem cedo precisa ser *homem* e que quando aos vinte annos não se tem chegado ao menos ao meio termo do que se tem de ser, difficilmente se é algum dia alguma cousa nesta vida.

Como estroina que era, divertiu-se, gozou a vida, como

dizem os jovens de hoje, e assim passou toda sua mocidade enquanto viveram seus paes, em gosos banaes, na esperança talvez de que jamais ver-se-hia a braços com os aculeos da vida, pois quando mesmo morressem seus paes haviam de deixar-lhe meios de subsistencia. Mas coitado, enganara-se redondamente. Sua mãe foi levada, pelos degostos que Edgard lhe causara, bem cedo talvez, para a mansão dos justos pois numa bella manhã primaveril de outubro, quando tudo sorria, quando era festa, quando todo mundo saudava a estação das bellas flores numa expansão franca de alegria, a casa de Edgard estava de lucto. Ali tudo era pranto, tudo era dor, tudo em contraste com aquella bella manhã—sua mãe amanhecera morta.

E seu pae, não sobreviveu a dor tremenda duma eterna separação—morrera tambem pouco tempo depois.

Quando procedeu-se o inventario, verificou-se que só dividas deixavam. feitas talvez pelos desvarios do cerebro doentio de Edgard.

Só no mundo, Edgard sem dinheiro, sem habilitações, mal visto, tentou abafar o grito de revolta de seu coração em novas estroinices. Tentou ainda nadar no vasto mar da vida em doces gosos, embebido pelos perfumes. Mas as aguas haviam seccado—faltava o dinheiro.

Bem cedo sentiu necessidade de obtel-o mas como?... não tinha habilitações!...

Creado com todo mimo fora, e não era possivel tomar um emprego de simples caixeiro!... Faltava-lhe então, os meios licitos para ganhar a vida, accemptuado pela sua disposição.

Assim pensando, levado pela miseria que já batia-lhe a porta e pela má companhia, sumira um dia da cidade com grande espanto dos burgueses que estavam habituados a ve-lo pelos clubs. É que indo tentar uma rendosa aventura numa cidade visinha, ali fora preso e condemnado a uns annos de trabalho forçado.

Era este os seus primeiros passos para a ruina; começara assim a cavar a sua des-

graça a sua companheira inseparavel desde esse tempo.

* *

Quando Edgard acabou de cumprir a pena a que fora condemnado, ja havia perdido todo seu viço de jovem bem creado e com elle o pouco escrúpulo que restava-lhe.

A fome de dinheiro crescia, ao passo que minguavam os meios licitos para ganhá-lo e levado por isso, teve ainda de algumas vezes visitar a cadea.

Estivera depois, levado pelo amigo alcool, que é como a consequencia inevitavel dos seus trabalhos, muito tempo num hospital, onde terminou os dias de sua juventude robusta.

Envelheceu nesta pobre vida, e quando sahiu do hospital, faltavam-lhe de tudo as forças e viu-se então na dura contingencia de mendigar o pão de cada dia.

... E assim como mendigo conheci-o, sentando ao pé do cruzeiro remoendo talvez sua consciencia, de haver perdido seu tempo e sua bella educação.

Aquelles suspiros longos que muitas vezes soltava, eram talvez os ais da alma revoltada que pensava: *Lembra-te do teu Creador nos dias de tua mocidade, antes que venham os máus dias e cheguem os annos dos que venham a dizer: Não tenho nelles contentamento.*

Maio de 1916.

W. SILVA

Um éco da campanha nacionalista de Bilac

Um dos resultados da campanha empreendida por Olavo Bilac em prol do nosso nacionalismo foi o entusiasmo despertado nos quartéis por esse movimento patriótico.

Officiaes e soldados se dedicaram com mais esmero na boa ordem e disciplina que devem reinar nas casernas e o maior apuro na organização dos serviços á elles affectos.

Deste movimento patriótico deu-nos conta o elegante escriptor patricio sr. João do Rio, na sua visita ao quartel do 52.º de caçadores.

A impressão que elle teve foi magnifica.

Alli tudo respira o patrio-

tismo, tudo se concatena com o fim unico de dotar a patria brasileira com um serviço militar digno das nossas glorias do passado.

Mas o que chamou a atenção do eminente escriptor foi a instrucção que se dá por meio de cantos patrióticos.

Por meio delles o soldado aprende a amar a sua patria, e ser um soldado "alheio á politica, orgulhoso da sua disciplina, a ser o musculo, da patria."

*Somos do Sul e do Norte
Do centro e do littoral
A' Patria gloriosa e forte
Temos amor sem igual.*

Tal era uma das estrophes da bella canção ouvida por João do Rio e entoada pelas vozes dos nossos soldados n'aquelle quartel.

Era aquelle quartel uma verdadeira escola de educação civica.

Melhor, porem, do que as nossas palavras descrevem este fervor patriótico os periodos abaixo:

« Mas em pleno pateo, de repente, ouvimos um invencivel clamor de alegria:

— E' a 2.ª companhia que vem por ahi em marcha, cantando.

E da porta em concha do quartel golfou radiosa o passo de marcha daquella mocidade, producto do verdadeiro amor patriótico da intelligencia militar, romperam na luz azul do dia, os novos soldados, direitos, firmes, convencidos, "outros" brasileiros, os brasileiros como deviam ser. No ar vibravam os versos:

*Do Oyapoc ao Chuy
Tremula, bella altaneira
Pallio estellar que sorri
A nossa linda bandeira*

E foi como se de repente todos nós tivéssemos a imagem do Brasil, fabuloso ao desfraldar de centenas de bandeiras, thesouro de força e esperança a alcançar o

mais formoso pedaço do vasto céu azul.

Era no quartel do 52.º de caçadores a obra do novo soldado.»

Notas...

... e Noticias

Fallecimento

Na avançada idade de 70 annos, falleceu na terça-feira ultima o decano dos advogados do nosso foro, sr. José Innocencio do Amaral Campos.

O finado era natural de Porto Feliz, tendo porem, decorrida a maior parte da sua existencia nesta cidade, onde occupou diversos e importantes cargos publicos.

Espirito elevado, dotado de grande intelligencia e d'um humorismo inegualavel, era o velho advogado estremamente apreciado por todos que privavam com elle.

Eloquente, d'uma dicção pausada e d'uma verve realmente admiraveis, foi por diversas vezes escolhido pelo povo como seu orador nas manifestações publicas.

José Innocencio, deixa, no largo circulo de suas amizades uma lacuna imprehensivel.

Ao seu sahimto compareceu um grande numero de amigos e admiradores, que foram acompanhá-lo até a sua ultima morada.

Sobre o esquife foram collocadas duas coroas, uma offerecida pelo C.º Joaquim Victorino de Toledo e outra pela familia Almeida Sampaio.

Na occasião de baixar o corpo o sr. Affonso Borges, numa tocante allocução despediu-se do morto em nome do Gremio Dramatico.

A' familia enlutada, as nossas mais sinceras condolencias.

* *

Conselhos uteis

A raiva é uma molestia infecciosa evitavel e incuravel depois de fazer sua eclosão. O unico tratamento efficaç contra essa molestia por animais suspeitos ou confirmadamente é a vacinação anti-rabica praticada nas pessoas

mordidas por animaes suspeitos ou confirmadamente doentes.

Toda pessoa mordida por um cão, gato ou outro qualquer animal raivoso deve procurar immediatamente o Instituto Pasteur submettendo-se á vacinação. O tratamento anti-rabico é tanto mais efficaç quanto mais cedo for começado.

O cão ou animal suspeito não deve ser morto mas sim retido, sempre que possivel em logar seguro durante o prazo de dez dias. Se o animal morrer o tratamento se impõe, do contrario é desnecessario. Como medida de prudencia as pessoas mordidas devem iniciar o tratamento logo após a mordedura e durante o tempo de observação do animal até se definir a molestia.

Devem ainda submetter-se a tratamento: a) as pessoas mordidas por animaes que desaparecem ou foram mortos antes de dez dias; b) as que desconhecem o animal mordedor e o seu destino; c) aquellas cujo animal mordedor persistir doente mesmo depois de dez dias, até se definir a molestia. Os cães e outros animaes mordidos por outro certamente raivoso ou suspeito devem ser sacrificados ou retidos em logar seguro durante o prazo minimo de seis mezes.

O exame do cerebro de animaes suspeitos só tem valor quando o obito deu-se poucas horas antes, não havendo ainda putrefação adiantada.

* *

Futuro Sombrio?

A nossa estimada collega A *Época* de Florianopolis transcreveu no seu n.º 34 de 10 de Junho o artigo com o titulo supra do nosso apreciado collaborador XX X.

* *

Cinema Parque

Com a exhibição do *Judeu Errante* o Parque, apañhou no espectáculo de quinta-feira, uma concorrência regular.

Hontem a empresa nos deu a *Brincadeira de Amor*, em 5 partes e *O Yacht* drama policial em 6 partes.

Hoje em sessão infantil *O Collar de Perolas*, em 4 partes e em *soirée* *O Mestre Alsaciano*.

Além das fitas de grande attração, a empreza annuncia duas fitas naturaes: *Um Passeio a Bolonha* e *Os Aliados*.

Agradecimento

O nosso amigo Manoel de Barros Castanho, por nosso intermedio agradece a todas as pessoas que por qualquer forma o ajudaram no desempenho da festa do Divino E. Santo.

* *

Excursão

Em quatro possantes automoveis, vieram ante-hontem a esta cidade, para inaugurar a magnifica estrada que liga esta cidade a Sorocaba os distinctos sorocabanos Cap. Augusto Cesar do Nascimento Filho, prefeito municipal, dr. Luiz Pereira de Campos Vergueiro, Presidente da Camara e deputado estadual, dr. João de Almeida Tavares, vice-presidente da Camara, Cap. Joaquim Eugenio Monteiro de Barros, presidente do Directorio, dr. Eduardo Pirajá, Joaquim F. C. Pires, redactor do Cruseiro do Sul, Carlos Oeterer, industrial, Cap. Francisco Arlindo Monteiro, collector municipal, dr. Benedicto Brenha Ribeiro, Horacio Vergueiro, estudante de engenharia, exma. sra. d. Annita de Campos Vergueiro, e senhoritas Amelia Nascimento, Guaraciaba, Lucia e Jaar de Barros.

Chegados a esta cidade os excursionistas, depois de uma ligeira permanencia no Hotel

Central, dispersaram-se pela cidade, visitando os edificios publicos, igrejas etc.

As 12 horas mais ou menos foi lhes servido um almoço, no mesmo hotel findo o qual os visitantes, acompanhados por alguns cavalheiros da nossa elite, fizeram um passeio até á vizinha cidade do Salto.

As 4 horas regressaram os excursionistas, sendo acompanhados até Sorocaba pelos nossos amigos José C. de Barros, José Silva e Lauro Alves.

* *

Corpo Christi

Realiza-se hoje as 4 horas da tarde, sahindo da Igreja Matriz, a procissão de Corpo Christi que percorrerá as seguintes ruas:

Rua do Carmo—Largo do Carmo—Travessa Municipal—Largo do Collegio S. Luiz—*Bençam no altar armado na porta do Collegio*—Rua dos Collegios—Largo do Patrocinio—*Bençam no altar armado na porta da casa do sr. Aureliano Aguirre*—Rua da Palma—Largo de São Francisco—Alameda Barão do Rio Branco—Rua do Commercio—Largo do Bom Jesus—

Bençam na porta da Igreja do Bom Jesus—Rua Direita—Praça P. Miguel—Bençam na Matriz.

* *

O Municipio

Como terminou com o numero de 30 de Abril proximo passado o 2.º trimestre da nossa publicação, vamos procedendo á cobrança das assignaturas relativas a esse periodo.

Aproveitamos a oportunidade para agradecer aos assignantes que teem vindo pagar em nosso escriptorio as suas assignaturas.

Está eu carregado de proceder á cobrança das assignaturas e annuncios, do nosso jornal, o sr. CORNELIO PINHO.

Harreio Social

Apoz uma longa ausencia regressou a esta cidade acompanhada de seu digno filho a exma. sra. d. Gertrudes Engler de Vasconcellos.

Regressou da capital onde esteve a passeio o nosso amigo professor Glycerio Barrios.

—Acha-se entre nós, a passeio, nosso amigo Gastão Bicudo, escrivão de paz interino, em Votorantim, Sorocaba.

* *

Depois de uma longa permanencia nesta cidade regressaram para Piramboia, a exma. sra. d. Placidia Fernandes Sampaio, acompanhada de suas gentis filhas.

* *

Seguiu para Tambahú a gentil senhorita Maria Elisa Saes Pompe dedicada professora nesta cidade.

—Em companhia de sua exma. esposa e filha seguiu para Campinas o nosso amigo Braz de Paula França.

—Afim de dedicarem-se ao commercio de café, seguiram para São Carlos e Espirito Santo do Pinhal os srs. Oscar e Alceu Geribello.

* *

Mais um galante menino veio encher de encantos o lar do nosso amigo professor Mario Macedo, ao qual apresentamos nossas saudações.

DR. BRAZ BICUDO Medico e Operador R. Commercio, 114

O NAMORO

(Conclusão)

O typo mais saliente deste ligeiro estudo é o do —namoro de rotula.

Figuem os leitores qualquer rua da cidade nova.

São cinco horas da tarde.

A janella de uma casinha terrea debruça-se encantadora meana, de nariz rebitado, tez cor de jumbo, sempre a sorrir, disposta a lançar fogo em toda a visinhança com as fagulhas que despede de seus olhos vivos e travessos.

Um elegante do bairro passa-lhe pela porta e diz:

—Jesus! que coisinha bonitinha!

Ella finge que se enfurece e bate-lhe com a janella na cara.

Elle vae até ao canto, volta; a mesma contra scena.

No dia seguinte pede-lhe a flor que tem nos cabellos.

—O senhor não se encherça?

Tal é a sua resposta, virando a cabeça para um lado, e dando com os beiços esse estalinho característico, que o vulgo chama—mo-xôxo.

O elegante não desespera; sabe que estas coisas têm o seu curso regular, e volta no dia immediato.

Então o cumprimento é mais li-sonjeiro. •

—Que anjinho do céu!

Ella diz-lhe sorrindo:

—Acho bom.

Este—acho bom—é a chave do namoro.

Principiam as trocas de flores, os cochichos á noite junto á rotula e os sustos a cada momento.

Ora é a mãe que grita de dentro:

—Marianinha, o que é que estás fazendo? Sahe desta maldita janella.

Ora é um sujeito que por entre as grades da veneziana observa os dous namorados, apparecendo quando elles menos esperam, obrigando-os a separarem-se.

A's vezes é um visinho que, despeitado porque a menina não lhe deu corda, escreve cartas anonymas ao pai, e mofinas pelos jornaes, em que se lê:

«Grande escandalo! Chama-se a attenção do infeliz pae de familia, que mora na rua de..., para o que se passa todas noites junto a sarta rotula. Se as coisas continuarem, publicaremos por extenso o nome de tal marreco. —O gravatinha azul.»

Outras vezes é um grito:

—Fuja, ahi vem papai! estamos perdidos!

O elegante tem sempre o seu quartel de segurança numa boti-

ca, armarinho, ou loja de barbeiro da esquina.

Ahi são lidas todas as cartas que a namorada lhe escreve, e com estrondosas risadas commentam-se os mais pequenos incidentes do namoro.

Esses namoros de rotula, quando não acabam em casamento, termina quasi sempre por sova de páo.

Não menos notavel é o typo do namorado que dá serenatas.

Com a irriçada cabelleira dividida em duas porções desiguas, uma fingindo eleyada montanha, do cimo da qual surge a ponta indiscreta do escuro palito, outro uma collina, cujas faldas vêm perder se no pavilhão da orelha, marcio ninho de cigarro apagado, faz gosto vel-o, sob as janellas de sua bella, de violão a tiracollo, manifestar-lhe por musica a chama que o devora.

E' assim que elle canta:

*Carolina que hora são estas
Meia noite, murmura istermece,
Fita os olhos alem da jinella,
Branca lua no céu apparece.*

Os namorados desta especie têm por theatro as immedições da rua da Misericordia, becco da Fidalga, rua Fresca, ladeira do Castello, etc.

Eis-nos agora em face de outro

namoro, assaz característico:—o do trinta botões.

E' o derriço do sôr Manel com a sôra Maria.

O primeiro encontro é no pátio do cortiço, onde moram ambos os dous.

Ella, vergada, sobre a gamella, ensabôa roupa, atordoando os echos com as saudosas estrophes de uma canção da terra.

Elle, encostado á pipa d'gua, contempla extatico aquella visão, que dir-se-hia vasado nos moldes os mais esplendidos das creações flamenga.

A sôra Maria interrompe o extasis.

—O que estás tu a olhar?

—Estou a ber-te. Ah! sôra Maria, se a senhora suvesse o que bai cá por dentro!...

—Cá por d'entro aonde? Ai credo! Ha alguma desordem no cortiço?

—Não, sôra Maria... Se quer que lhe diga... assim n'uma comparação... deixe-lhe disseri... o meu coração não anda vom.

—Pois, filho, trata-te; nanja eu que se andasse doente, que não me tratasse!

—Não é isto, sôra Maria... E' que...

O sôr Manel, reconhecendo que com palavras não pôde exprimir o que sente, lança mão da linguagem positiva do gesto e ferra tre-

TYPOGRAPHIA BORGES & SILVA

As nossas officinas acham-se perfeitamente
apparelhadas para executar quaesquer serviços
do ramo typographico.

**TRABALHO RAPIDO, PERFEITO
E PREÇOS MODICOS**

20, - RUA DIREITA, - 20

ITU'

mendo beliscão no carnudo braço
de sua amada.

—Olha a graça?! diz esta, er-
guendo-se com o sabão em punho,
e chimpando-lhe valente murro
bem no meio das costas.

Está aberta a porta dos amores.
O que d'ahi resulta sabem os
leitores.

O sôr Manel vai á Caixa Eco-
nomica, apura o capital e juros
de uma caderneta, a sôra Maria
faz o mesmo, mandam buscar á
terra certidões de idade, justifi-
cam perante o bispado que não
tem impedimentos dirimentes, e
casam-se.

Não menos importante é o na-
morado que faz charadas amorosas

Os padrões d'esta especie são
uns pobres diabos que, ou por
não lhes haver sido a natureza
muito prodiga em dotes physicos,
ou por falta de attractivos de es-
pirito têm a infelicidade de incor-
rer não no desagrado, mas na in-
diferença do bello sexo.

O prurido de amar o mundo
inteiro torna os excessivamente ri-
diculos.

Nos bailes, nos passeios, nos
theatros, por toda a parte é inte-
ressante vel-os fazer taes charadas.

Passam por perto de uma moça,
atiram-lhe um olhar languido, e
dão dois passos para a frente,
como se dissessem—uma.

Voltam e suspiram,—duas.

Sorriem significativamente,—uma.
O conceito consiste em levar a
mão ao peito, ou abanar o rosto
com o lençinho vermelho de bar-
ra branca.

A moça não os comprehende, e
lá vão elles repetir á outra a mes-
ma adivinhação.

No fim de contas em um bello
dia esbarram com uma solteirona
feia e pobre, que por acaso de-
cifrou a charada e ei-los unidos
para sempre.

São estes o que o vulgo cha-
ma—namorados salgados.

E o namoro do viuvo?

E' sempre justificavel. Se a mu-
lher deixa lhe filhos, a logica de
que se serve é esta, pouco mais
ou menos:

—Pobres criancinhas! Quem ha-
via de tratar da educação d'ellas?
Coitados! Encontrei uma senhora,
que é uma excellente dona de ca-
sa... Já estou velho... Não ha re-
medio senão dar este passo pela
segunda vez. Agora é que reconhe-
ço a falta que faz a minha defunta.

Se a consorte não lhe deixou
prole, os recursos logicos são ou-
tros:

—Estou sosinho no mundo!
Quando cahir doente não tenho
quem me de um caldo. . . Preciso
de uma companheira... E' bem
contra a minha vontade que vou
dar este passo...

E lá vai pela segunda vez á

igreja ouvir o *Ego autoritate qua
fungor*, e ouvi-lo ha terceira e quar-
ta vez, se o destino assim o per-
mittir, fundando-se sempre nas
mesmas rasões.

Temos ainda o namoro de por-
ta a dentro.

E' o mais perigosos de todos
Começa geralmente no jogo de
vispora a quarenta reis o cartão,
e é obrigado a chá com torrada
todas as noites.

Escreveriamos um grosso volu-
me se pretendessemos pintar os
episodios extravagantes que se dão
em taes namoros.

Somente diremos que o namora-
do d'esta ordem passa por tortura
infundas.

Ora é um passeio que se arma
em Botafogo justamente quando o
desgraçado tem apenas no bolso
um nikel de dois tostões; ora é
a semana santa que se apresenta
com todo o seu cortejo de amen-
doas, sorvete no Carceller, expo-
sições do Senhor, e não ha meio
de fugir aos pedidos de festas da
namorada, da futura sogra, dos fu-
turos cunhados, dos futuros primos,
de uma série de futuros emfim que
reclamam presentes; algumas vezes
são encomendas, cada qual mais
impertinente, outra vezes bilhetes
de theatro, etc., etc.

E onde fica o namoro financeiro?

Os leitores nunca ouviram por
ahi esta pergunta?

—Quanto ella traz para o prato!
E' d'elle, do namerado da esco-
la positivista, que anda pelo juizo
da provedoria e cartorios dos ta-
beliães a compulsar testamentos e
folhear escripturas.

Estas práticas têm feito brilhante
carreira no ultimo quarto do secu-
lo actual.

Temos finalmente os namoros
aristocraticos chamados de salão.
Quasi todos, como a rosa de Ma-
lherbe, vivem, não o espaço de
uma manhã, mas o de uma noite.

Os que chegam até ao casamento
são compelidos por uma phrase
apenas, mas terrivel como o cada-
ver no banquete egypcio, ou a som-
bra de Banquo no festim de Ma-
chbeth.

Não sabe qual ella seja?

E' simplesmente esta:

—Quaes são as suas intenções?

E como a tal interrogação é o—
sepulte-se—de quasi todos os na-
moros, com ella damos fim a este
artigo, para não entrarmos no do-
minio do noivado.

FRANÇA JUNIOR

TYP. BORGES & SILVA

Trabalhos perfeitos e garantidos
e a preços modicos.

Rua Direita 20

ITU